

O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

EDIÇÃO E PROPRIEDADE DO

MUSEU ETNOLÓGICO PORTUGUÊS

COMPOSTO E IMPRESSO NA IMPRENSA NACIONAL DE LISBOA

VOL. XVII OUTUBRO A DEZEMBRO DE 1912 N.º 10 A 12

A ponte romana de Vila Formosa (Alter do Chão)

Impressões à vista da ponte—Sua descrição e caracteres—Estado de conservação e dimensões—Scena de etnografia alentejana—Via romana a que a ponte pertencia—Vestígios daquela, próximo de Alter do Chão—Resquícios de *Abelterium*—Entre a ponte romana e Ponte de Sor—Descobrimiento de dois miliários anepígrafos—Notícias doutros—Uma anta e notícias de mais—Notas linguisticas.

A excursão que, na primavera de 1910, realizei a Alter do Chão tinha por fim único estudar um monumento da época romana, que existe não longe daquela interessante vila alentejana.

O zeloso colector do Museu Etnológico, Almeida Carvalhais, tinha vindo anunciar que uma ponte, que vira sôbre a ribeira de Sêda, lhe parecera romana. Ora tendo eu tido já algumas ocasiões de averiguar que reina bastante confusão no nosso país acêrca da cronologia das antigas pontes e desejando concorrer para que alguma luz se fizesse neste assunto, não hesitei em partir para o Alentejo, prece-dendo autorização do Sr. Director do Museu Etnológico, onde eu era conservador.

Confesso que não é fácil descrever a emoção, que me produziu a vista da ponte romana de Vila Formosa. Eu nunca tinha podido contemplar um monumento daquela natureza e êle revelava-se-me ali com umas características tam diferentes de todos os outros que as publicações capitulavam de romanos, que a minha admiração, imbuída dum sério respeito por esta antiguidade, me susteve imobilizado por uns momentos, rendido à dominadora majestade desta reliquia e à soberana proclamação de grandeza, que, no ermo daquele sítio, me pareceu ouvir às próprias pedras em nome do povo que ali as tinha er-

guido. Eu mesmo me acreditei transportado ao mundo romano, palpando reverente a obra-de-arte, que no meio d'ele tinha surgido, que lhe pudera ouvir as vozes na lingua-mãe, e contar as passadas gloriosas.

Essas pedras mostram ainda os vestígios das mãos irresistíveis que as vieram desbistar, há 17 séculos, no âmago da Lusitânia.

Devia ser, de facto, uma ponte romana o que eu ali via, e razão tinha pois o meu companheiro do Museu¹. Achava-me diante dum monumento típico, tal como eu o podia desejar em Portugal, para o estudo destas antigas construções e para a determinação dos caracteres que hão-de distinguir as que ascendem à época romana, das que pertencem ao período medieval.

*

A ponte de Vila Formosa está situada a 11 quilómetros de Alter do Chão, na estrada que liga esta vila com a de Ponte de Sor, sobre a ribeira de Sêda, que naquele ponto corre próximamente de norte para sul. Consta de seis arcos de volta redonda, aparentemente iguais entre si e compostos, nas frentes, de 33 aduelas. Traspassando os tímpanos d'esses arcos, há 5 olhais em forma de pórtico, com pés direitos de silharia e o arco de meio ponto, constituído por 3 aduelas verdadeiras e um silhar horizontal de cada lado, com o tópo do vivo já perfilado em curva.

Na base de cada pegão e em redor d'ele, quasi junto à água, há uma faixa saliente, constituída por duas fortes molduras (filete e talão), faixa que representa o papel de imposta, relativamente à arqui-volta de aduelas de cada arco.

Como a ponte é rigorosamente horizontal, logo por cima do fecho de cada arcada, corre, a todo o comprimento, do lado do jusante, uma cornija robusta, duma composição igual à faixa dos pegões (filete e talão), o que dá a esta construção um certo carácter monumental pela sombra que estes relevos projectam.

A horizontalidade não sofreu ainda a menor deformação, o que demonstra a elevada competência do architecto que dirigiu a construção e lançou os seus fundamentos sem o auxilio dos métodos perfeitos, de que hoje dispõe a engenharia hidráulica.

Há uma nota característica do aparelho de toda a silharia, nota que tem uma grande importância para o aspecto de notável robus-

¹ Informou-me também de que, seguindo pela estrada que parte da estação de Crato, na estrada velha, há uma ponte, restos de miliário e de via, cousas que lhe pareceram romanas.

tez que a ponte de Vila Formosa estadeia. Quero referir-me às almofadas rústicas, que, do mesmo passo, produzem um efeito artístico de grande largueza, aligeirando nas desigualdades do seu claro-escuro a rijeza geométrica das juntas da silharia, sem comprometer a sensação da horizontalidade clássica das fiadas.

Não conheço e creio que não erro escrevendo que não haverá em Portugal, salvo mais fundamentado parecer, nenhuma ponte medieval que reclame esta nota característica decisiva¹.

As pedras dos muros que suportam as avenidas da ponte tem almofadas; as aduelas da arcaria tem quasi todas almofadas, mas aqui estas são escrupulosamente tiradas de linha, isto é, tem lados rectos, enquanto as dos panos das paredes são mais irregulares, *rústicas*, tanto nas linhas laterais como na própria grossura.

No intradorso das abóbadas da ponte só algumas pedras tinham baixas almofadas, o que se compreende por causa da construção.

Entre as pedras, nas respectivas juntas, acham-se fortemente entaladas lascazinhas de chisto, excepto nas aduelas do intradorso das abóbadas. Ai vê-se, em cada uma das pedras, na sua aresta superior o orifício dum canaliculo de secção rectangular para o escoamento das águas de infiltração; como em algumas destas pedras havia almofadas um pouco mais altas na zona superior, o canaliculo tinha a sua bôca sobre a saliência, como se fôsse uma gárgulazinha.

Estes canaliculos só foram reservados até à quinta ou sexta fiada de silhares a contar da imposta a que me referi e encontram-se também nos panos externos ou faces da ponte ao mesmo nível.

Outra circunstância característica notável da construção romana são as marcas ou buracos do *forfex*: por este nome se designava um instrumento de ferro, destinado a erguer do chão as pedras e a colocá-las no lugar, que lhes competia, na obra em construção². Êsses

¹ Foi por virtude dêste aparelho da cantaria que pude demonstrar seriamente que, na ponte da vila de Ponte de Lima, os últimos arcos (cinco apenas) da margem direita são da época romana. O livro *Miliários* (M. Capela, Pôrto, 1895) também menciona várias obras-de-arte das vias bracarenses como da antiguidade romana, em vista do seu aparelho rusticado. (*Limiana*, 1912, 2.º).

² Pelos achados de Idanha-a-Velha, tenho razões para crer que o *forfex* foi ainda usado na idade média; estão no Museu Etnológico lápides epigráficas com o vinco do *forfex* sobre as próprias letras romanas. O seu emprêgo porém, devia ser restrito ou a regiões ou a tempos, porque nas pontes medievais que conheço não encontrei ainda êsses vestígios e muito agradecia a quem mos denunciasse, para dar todo o rigor à observação. Nos arcos romanos da ponte de Ponte de Lima, os vincos de *forfex* tem a secção longitudinal aproximadamente triangular.

víncos são redondos, mais ou menos afunilados e marcavam, ora o meio, ora as extremidades dos silhares. Eram mais numerosos nas fiadas mais elevadas.

Os cortamares são agudos e baixos; uma fiada apenas acima da faixa ou imposta; as pedras que os constituem não tem almofadas, o que não significa que não sejam da mesma época da ponte e a prova está em que a saliência da imposta é interrompida antes de atingir o contraforte e não oculta por êle, como sucederia se fôsse mais recente. Além disto, algumas pedras são comuns ao pégão e ao corta-mar.

As guardas da ponte, de enorme robustez e amplidão, podendo-se andar sem vertigens por elas, assentam logo sôbre a cornijá ou friso da ponte; do lado de montante êsse friso porém, não é contínuo como a jusante, mas interrompido, com inteira regularidade por gárgulas salientes, de modo que a um silhar da cornija se segue uma gárgula; logo o outro silhar e outra gárgula.

Desconfio que isto foi um sagacíssimo concôrto de moderna traça.

Não descobri sigla alguma na cantaria de todo o monumento¹. Na base das abóbadas não existem os agulheiros para os barrotes dos simples².

*

Eis as características architecturais desta obra, autênticamente romana, quasi immune de reparações por não carecer delas, em consequência da solidez e perfeição com que foi construída. Não obstante, não a consideraram seus autores obra de largo fôlego, visto que com nenhuma inscrição a singularizaram; nós porém temos o dever de a reputarmos monumento de primeira ordem, porque por ela já passaram gerações de quasi vinte séculos sem interrupção nem hesitação e, se não fôsse o escurecimento do granito, a orgulhosa pátina da antiguidade, dir-se hia que ela contava 20 dias ou 20 anos de existência! ; Qual é o monumento romano em Portugal que se encontra neste perfeito estado de conservação³?

¹ No exame que, passado tempo, o Sr. Dr. Leite de Vasconcelos fez da mesma ponte, Sua Ex.^a teve a ventura de descobrir dois símbolos esculpidos nos fechos dum arco. Uma das minhas fotografias abrange êsse arco e lá se vê a sombra da figura, uma meia-lua, que a minha objectiva lialmente me trouxe e de que a minha retina não me avisou!

² Será rara a ponte medieval que não os tenha.

³ É tal a robustez destas construções que, em Ponte de Lima, as enchentes tem por vezes subvertido e arrastado os tímpanos reconstruídos entre os arcos romanos, mas as primitivas arquivoltas lá se conservam firmes, como se fossem uma rocha inteiriça.

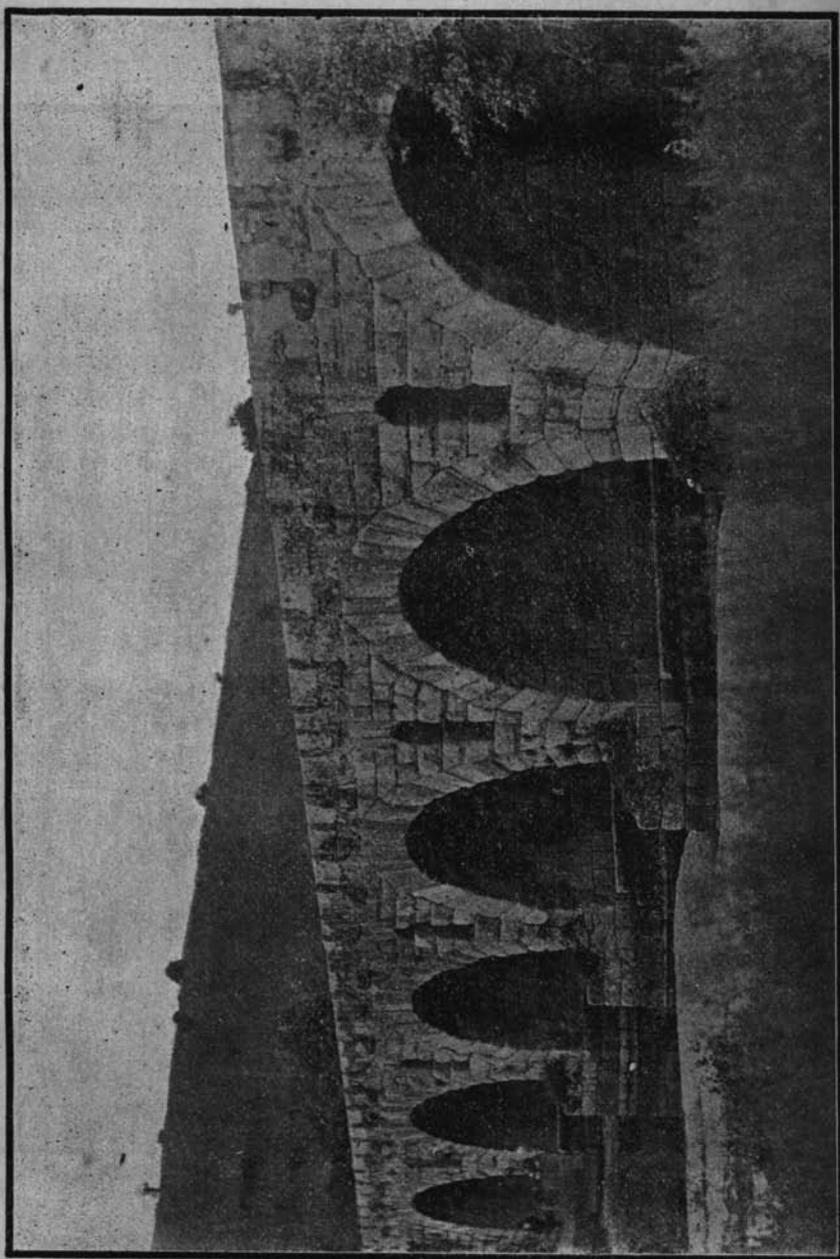


Fig. 1 — Ponte de Vila Formosa (Vista geral do lado de montante)

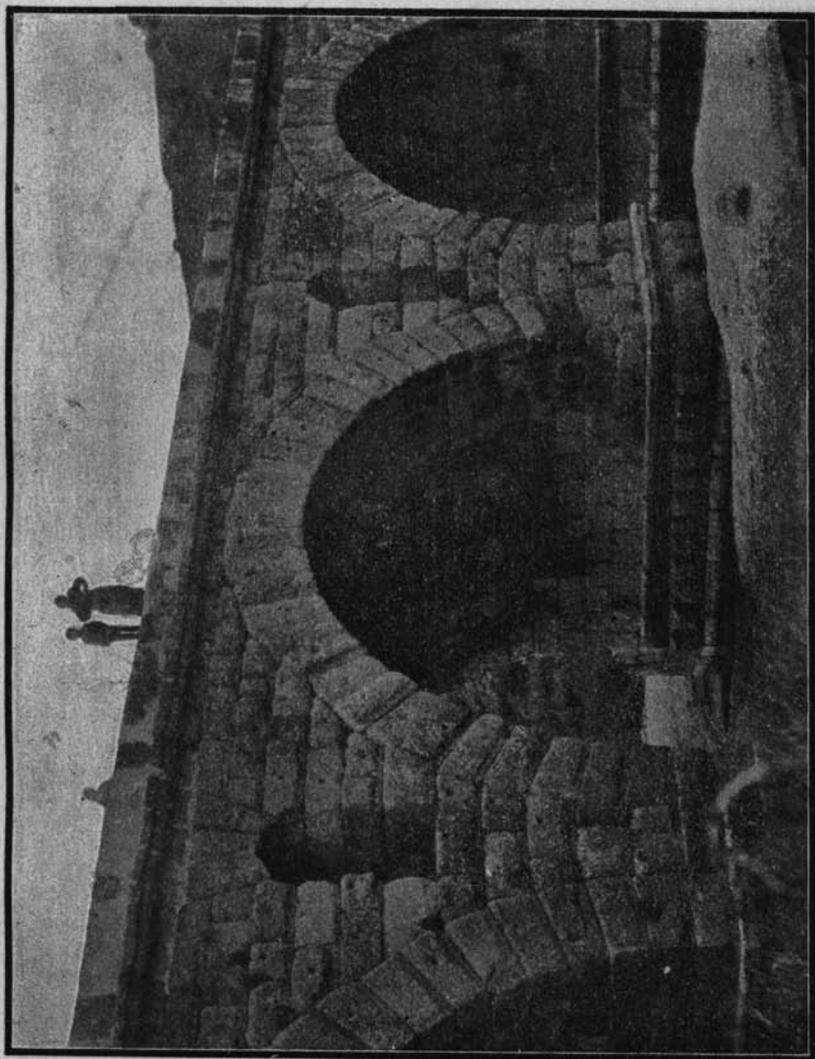


Fig. 2 — Ponte de Vila Formosa (Os três primeiros arcos da margem direita, vistos de juante)

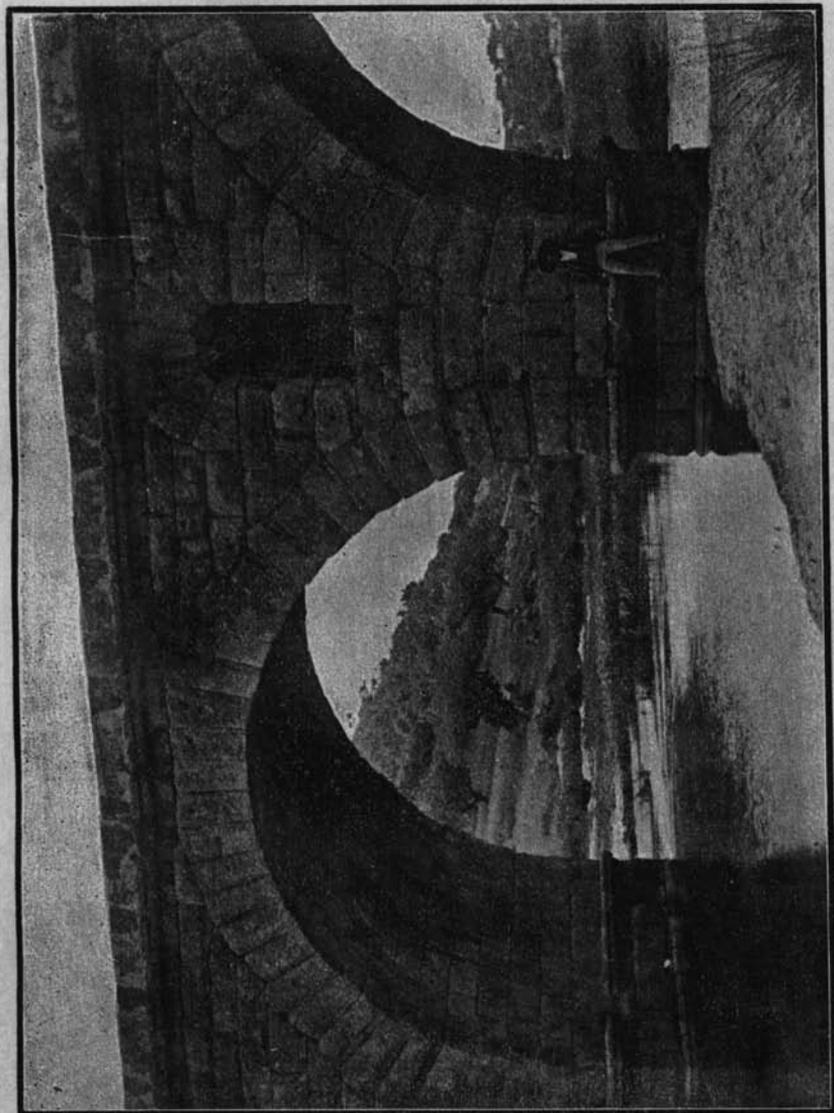


Fig. 3 — Ponte de Vila Formosa (Dois arcos da margem esquerda, vistos de jusante)

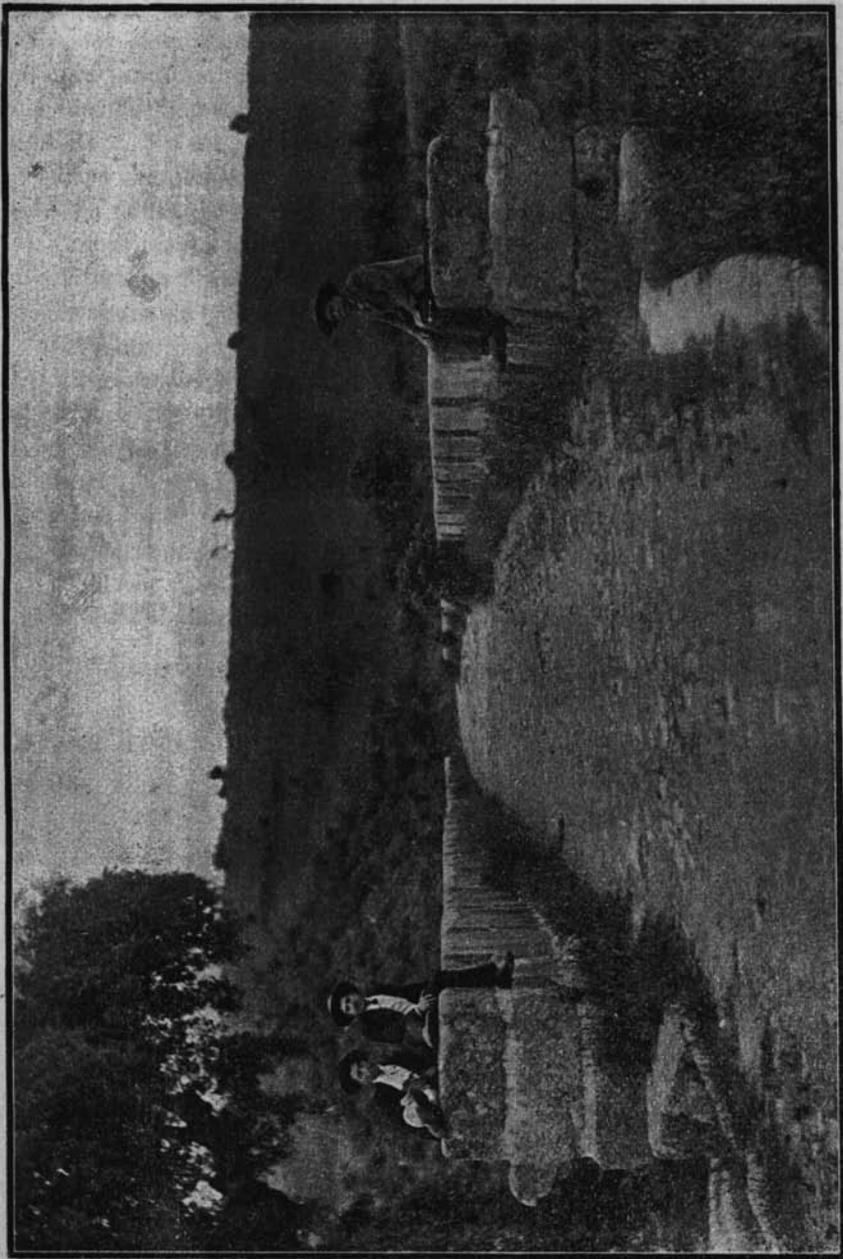


Fig. 4 - Ponte de Vila Formosa (Entrada da ponte do lado de Changa, na margem direita)

Em uma das fotografias, a que representa a entrada da ponte do lado da freguesia de Chança, vê-se bem que não são ainda o que deviam ser os cuidados para a conservação d'este monumento; a herva abunda junto às guardas e até uma carrasqueira medra sobre o pavimento do lado de jusante e à direita do primeiro arco. Vejam-se as figs. 1, 2, 3 e 4.

Para complemento d'este estudo faltam as dimensões gerais e parciais da ponte. É o que vou agora desenvolver:

Comprimento total da ponte: 116^m,56;

Altura da aresta das guardas à superfície da água: 8^m,40;

Largura da ponte, tomada nas abóbadas: 6^m,71;

Diâmetro dum arco ou abóbada: 8^m,95;

Largura do pavimento: 4^m,70;

Altura das aduelas dos arcos: 1^m;

Menor espessura destas: 0^m,45;

Largura das guardas: 1^m,05;

Altura das guardas sobre o pavimento: 1^m,35;

Saliência das almofadas nas paredes das avenidas (máximo): 0^m,17;

Saliência das almofadas das aduelas (máximo): 0^m,07;

Profundidade dos buracos do *forfax*: 0^m,03 e 0^m,05.

Corte transverso da entrada da ponte, do lado de Chança (fig. 5).

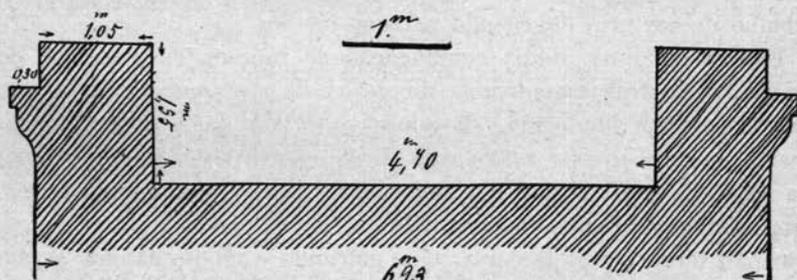


Fig. 5

Dimensões duma aduela a esmo (fig. 6):

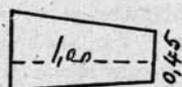


Fig. 6

*

Na primeira tarde, em que examinei este belo exemplar da antiga architectura civil e foi precisamente aquela em que fiz as fotogra-

fias, tive de suspender o meu trabalho, porque o céu se obscurecia a olhos visto, com a ameaça de grande trovoadá. Por tal motivo eu apressava, quanto me era possível, as minhas notas e o manejo da máquina.

Uma voz femenina, dolente e branda, diluía o seu cânto na tristeza da tarde, enfraquecendo-me por vezes a contenção de espírito e perturbando-me a independência da minha lida. Eu nem queria, nem podia dar tento do local donde irradiava aquella velada melopeia que, consoante a aragem, me parecia agora mais próxima, logo mais afastada; ¿partia de cima da ponte? ¿partia de baixo dos arcos? ¿vinha das margens? ¿vinha do areal, da ribeira? Ninguê m se me antolhava! Era um enigma que me andava distraindo com suave impertinência. O ar tinha, a espaços, agitações desorientadas, sacudidas, que preludivam alguma tempestade séria.

Chegara porém a ocasião, depois de eu ter percorrido e examinado o pavimento e as guardas da ponte, de descer ao leito da ribeira, para observar as abóbadas e os pègões dos arcos.

Súbitamente, ao transpor um pègão, sinto como descobrir-se, reforçar-se essa voz, que tanto brincara com a distância; sinto-a tornar-se, de golpe, clara e aberta. É que estava próxima. Volto a cara. Debaixo da primeira abóbada, uma cigana, muito moça ainda, de pele intensamente tostada, cantava, enquanto fazia tranqúilamente o seu trabalho de costura, debruçada para os joelhos.

Estava só, junto duma complicação de roupas, de utensílios de cozinha, e doutras amontoadas miudezas do seu nomadismo. O pai e a mãe tinham ido perto, disse-me: voltariam daí a pouco, antes, decerto, que rebentasse a trovoadá. E ela estava ali entoando o *Bemdito* na fé de a afugentar¹. A um reparo meu, replicou que os três eram cristãos de baptismo, mas toda a gente os nomeava por ciganos, visto não terem pousada certa. Que estranho e ignoto cântico se me afigurou o *Bemdito* naquella tarde convulsiva, longe da liturgia dos altares, na solidão daquelle lugar antigo!

¹ Efectivamente a trovoadá, daí a horas, veiu e colheu-me em pleno campo, ao norte de Alter Pedroso, quando já despreocupado, eu estudava uns vestígios da via romana a que me referirei. O espectáculo foi pavoroso, como ainda nenhum outro eu presenciei. Naquelle amplo céu alentejano, a redondeza do espaço, que despedia iras de lume, incendiava colossalmente a grandíssima vastidão do campo, que parecia estremecer na sua impotente e inerte imensidade. Ao fim, como um escárneo, uma chuva diluviana inundou a terra humilhada, enxurdando-a miseravelmente com o seu próprio barro pegadiço. Foi o sujo destrôço da olímpica batalha!

Este simples quadro, mais digno da pena dum Garrett, ou do pincel dum Sequeira, deixou-me uma impressão, que ainda hoje guardo com recolhimento. Ele é também uma página de boa etnografia alentejana, e com esse intento procurei tracejá-lo aqui.

*

Achava-me de posse dum factó histórico palpável; omisso nos textos e na epigrapia, mas iniludível; em uma via romana, que sulcava a Lusitânia, tinha sido construída uma ponte monumental da mesma época, em tais condições de segurança e de técnica architectural, que quasi vinte séculos¹ incessantemente andados, não tinham conseguido arrancar-lhe uma só pedra.

*

Restava-me procurar, na trajectória dessa via, outros pontos mais ou menos rigorosamente determináveis. É o que vai seguir-se:

Quem lançar a vista para um mapa da região, verá que a ponte romana fica a oeste de Alter do Chão e que uma linha mais ou menos ondeante pode unir os dois pontos na direcção oeste-leste; prolongando-se, essa linha é a directriz da actual estrada e da antiga via de Lisboa a Mérida, que, segundo o itinerário, passava em *Abel-terium*, depois de tocar em *Aritium Praetorium*.

Alter Pedroso é um elevado cabêço, que demora pouco mais ou menos a este-sudeste de Alter do Chão. Uma linha recta, que se tirasse da ponte para esta vila e se prolongasse além dela, viria a passar ao norte de Alter Pedroso.

Efectivamente guiaram-me a estas paragens e, a dois quilómetros aproximadamente ao norte de Alter Pedroso, vê-se um claro trecho da via romana. Ainda serve ao trânsito das *carretas* que vão ou vem das herdades confinantes.

Percorrendo-a, notam-se pedras mais gradas nas orlas e no pavimento central mais miúdas. Dos lados, nalguns pontos, há restos de muros; num certo ponto, há dum só lado uma parede de acentuada antiguidade. Num ou noutro sítio vêem-se os carris ou rodeiras dos veículos. A via tinha a largura de 3^m,60². A distância ou

¹ Um dos miliários descobertos pelo Sr. Dr. Leite de Vasconcelos é de Probo (276-282).

² Já o *Dicionário Geográfico* do padre L. Cardoso (1, s. v. «Alter»; 1747) informa que esta via romana passava no termo desta vila na extensão de 3 léguas e por ela cabiam 2 carros a par. A expressão pertence ao género das *frases feitas*, mas não deixa de ser exata neste caso.

compasso dos carris era no máximo de 1^m,63; o rasto das rodas oscilava entre 0^m,10, 0^m,11 e 0^m,12. Parece que chamavam ao sítio *Tapadões de Pedroso*. Há, mesmo em Alter do Chão, outros vestígios do caminho romano.

A sudoeste do convento de Santo António a via passa por caminho ainda em uso e dizem que aí foi a povoação romana; lá vi fragmentos do pavimento de formigão e restos numerosos de calcetaria.

Determinam-se dois outros pontos de referência nesta area, são a *Horta da Moura* e a *Horta da Zanga*. A via, que passa junto daquela, chama-se significativamente «estrada de Santarém» e a sua direcção normal leste-oeste. As orlas tem pedras mais gradas, no meio é calcetaria; mede de largura 6^m,60.

Seguindo este trajecto, na direcção de leste, fui encontrar-me com o local que na véspera tinha examinado ao norte de Alter Pedroso. Estas indicações eram obtidas pela posição e direcção do sol: neste ponto a bússola era louca, mercê da grande quantidade de ferro magnético espalhado pelo chão.

É conhecida a relação que havia nos costumes romanos entre as suas vias e as suas necrópoles. Contaram-me que perto da Horta da Moura, no Lameiro de Luís José, apparecera; há tempo, uma ou mais sepulturas construídas com *tegulae*. Mostraram-me mesmo os restos e informaram-me que as sepulturas eram tectiformes¹; cheguei apenas a ver debaixo duma parede que separa o prédio da azinhaga um tejo (*later*) com sulcos digitais em aspa².

Na *Horta da Zanga* passa também o caminho romano, depois de sair de Alter do Chão. Aí há um pontão de tejo. Este material existe no paramento do arco, do lado do norte; no meio a abóbada é feita com lascas de pedra postas de cutelo e argamassadas; no intradorso vêem-se os agulheiros para os simples, mas havia também ao centro um arco de cantaria.

¹ As sepulturas desta espécie tanto podem ser de incineração como de inumação.

² Estando hoje identificado *Abeltherium* do itinerário com Alter do Chão, era natural que no subsolo desta vila se encontrassem abundantes destroços da povoação romana. Informaram-me que na casa da *Avelada* apparecem alicerces antigos e que na *Horta do Pote* (note-se onomástico) havia *silos*. De Alter Pedroso deram-me notícia duma cisterna romana. A situação de Alter Pedroso era de maior preferência para uma povoação autóctone do que a de Alter do Chão; como talvez se possa inferir da toponomia, uma está situada numa iminência, outra num plano. ¿Qual dos dois era *Abeltherium*? Responderá a arqueologia de enxada na mão.

A metade dêste pontão da banda do sul não parece romana, mas não estava em situação de poder ser examinada. Não é pois lícito afirmar que esta construção seja coeva da via romana.

O diâmetro ou desvão deste único arco era de 2^m,50 e a flecha 1^m,45. À via romana chamam naquele ponto a calçada do *alicerço*. É claro que o povo não fala em romanos; essa voz corre em gente mais ou menos lida.

Do cemitério, a que acima me referi, foram mostrar-me uma pedra, que se não era efectivamente tampa dum sarcófago romano, acusava boa antiguidade. Era uma placa de mármore com a seguinte forma (fig. 7):

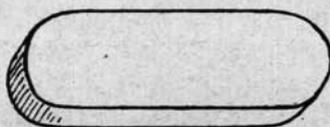


Fig. 7

O seu maior comprimento era de 1^m,435 e largura 0^m,65. A espessura devia ser de 0^m,10 ou 0^m,15. Esta apreciável peça estava em uma casa da quinta de Santo António e mais minuciosamente informaram que ela apparecera em uma sepultura do cemitério, que se descobrira na cêrca do convento de Santo António. Também me disseram que havia em Alter outra como aquella¹.

*

Voltarei agora à ponte de Vila Formosa não para de novo a examinar, mas para pesquisar os vestígios que porventura houvesse ainda no meio do campo, para lá dêste ponto. E exprimo-me assim porque o cicerone², que me acompanhava, sabia, por ver, que na área entre a ponte romana e a vila de Ponte de Sor alguns marcos havíamos de encontrar. Olhando agora o mapa, compreendo como assim devia ser, visto que, prolongada a directriz da via romana, cujos restos eu tinha reconhecido na ponte de Vila Formosa, ao sul de Alter do Chão e ao norte de Alter Pedroso, essa linha imaginária vai precisamente tocar em Ponte de Sor. Vejamos o resultado dessa excursão.

A noroeste aproximadamente da ponte romana há uma eminência, onde se vêem umas ruínas, que se diz serem duma ermida de Santa

¹ A primeira pertence ao Sr. Francisco Caldeira Carrim; a segunda ao Sr. Dr. João Carlos Cardoso Barreto Feio.

² Era o Sr. António J. Cardeira, de Alter do Chão.

Luzia, e mais alguns alicerces; examinei sem resultado os destroços. Tinham-me dito que eram ruínas duma *vila rústica*. Vestígios de capela, herdeira talvez dalgum templete romano, não eram para desprezar, nas proximidades duma ponte (Vid. C. I. L. vol. II, n.º 761).

Contudo o P.º L. Cardoso conta que daí se mudou a freguesia de Chancelaria para o sítio onde hoje ainda se encontra, e que a povoação se chamava *Vila-Facaya*(!) ou *Vila-Formosa* (¿óbice paleográfico dalgum antigo documento?). A ponte já então (1747) se chamava tal como hoje. (*Dicionário Geográfico*, II, s. v. «chancelaria»).

*

Seguindo a estrada, mas sem me limitar ao seu leito, ao norte pouco mais ou menos do marco geodésico do *Vale do Gato*, em terras da Casa de Bragança, encontrei o 1.º marco talvez incompleto e confesso que não é sem sentirmos despertar a nossa emotividade, que se

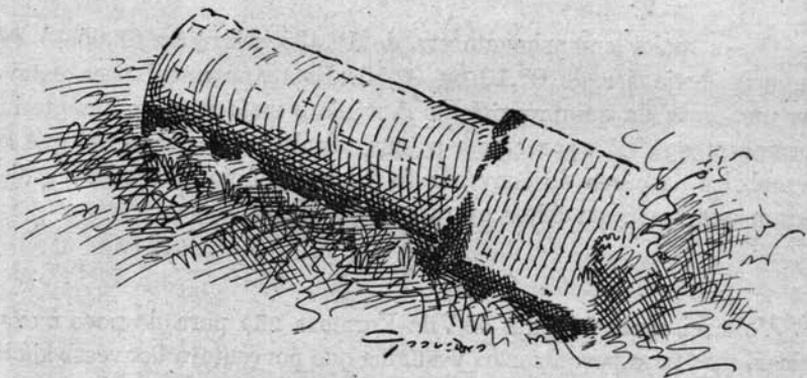


Fig. 8—Primeiro miliário anepígrafo tombado, como se encontra

nos depara uma destas pesadas colunas de granito prostrada no chão, como vencida. Dou um esboço dêsse marco anepígrafo, que lá ficou jazendo no chão, para vergonha nossa (fig. 8)³. Eis as suas dimensões:

Altura total: 1^m,45.

Altura da base quadrada: 0^m,40.

Circunferência no tópo: 1^m,70.

Diâmetro no tópo: 0^m,55.

Não havia por ali vestígios de calçada.

³ Na sua visita, o Sr. Dr. Leite de Vasconcelos encontrou outro marco entre a ponte e êste a que me refiro.

Continuando-na mesma direcção de oeste, sem me desviar muito da estrada de Ponte de Sor, e passados pouco mais ou menos 2 quilómetros, deparou-se-nos, no meio duma seara, outro marco, ainda não totalmente prostrado e que fotografei com o meu prestimoso guia. Era também anepígrafo e a sua parte superior era muito irregular



Fig. 9— Segundo millário da minha relação,
mais o Sr. António J. Carneira, meu guia e informador

o que denotava ter-se já quebrado (figs. 9 e 10). Tomei as seguintes dimensões:

Altura total: 1^m,42.

Altura da base: 0^m,39.

Lados desta: 0^m,98.

Circunferência: 2^m,06.

Diâmetro: 0^m,70.

Segundo a informação ali mesmo dada, este marco estava no *Val de Perlím*¹, linda (extremo, limite) da casa de Bragança em *Val de Barqueiros*. Pertence ao Sr. João Salinas Antunes, médico residente em Lisboa.

*

O mesmo informador deu-me a notícia de que no *Monte da Ferraria*², com lindas de *Val de Barqueiros*, se conhece a calçada romana.

Ora aquele local pertence à freguesia de *Chancelaria*, e *Val de Barqueiros* à de *Sêda*; parece pois ser esta região entre a ponte e Ponte de Sor.

Que na linda do *Rascão*, com terrenos da casa de Bragança, havia 2 marcos, distantes um do outro 3 a 5 quilómetros; é ainda freguesia de *Chança* ou melhor *Chancelaria*: informação para conferir *in loco*.

Na freguesia de *Sêda* deram-me conta dum marco no sítio da *Celada*; ora este sítio fica, segundo as *pranchetas*, que eu consultei na Comissão geodésica, a meia distância entre *Alter* e a sede da freguesia. E no *Monte da Celada* havia outro, mas este partido. Mais me disseram que o nome antigo deste sítio é *Compromissos*. Devo notar

que, a ser verdadeira a informação, estes marcos devem considerar-se deslocados; porque a estrada romana passava mais ao norte. Ficam assim indicados para pesquisa mais quatro miliários.

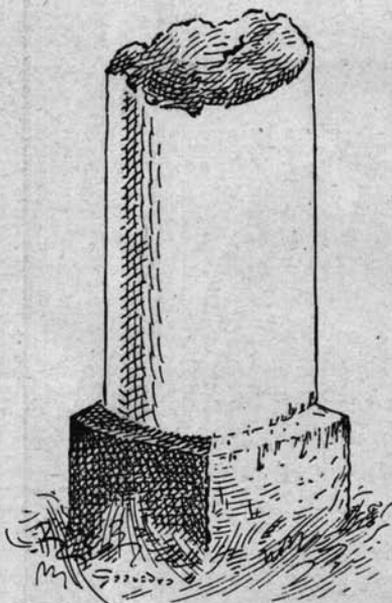


Fig. 10 — Miliário restituído à sua verdadeira posição

¹ Ao Sr. Dr. Leite de Vasconcelos informaram que o *Val de Perlím* fica longe; ali é *Val da Arrabaça*. Segundo um postal, que o meu amigo e mestre me enviou de Ponte de Sor, no dia mesmo da sua exploração (13 de Junho de 1910), estabeleceu-se já uma bonita série de nove miliários, entre aquela vila e a ponte aqui descrita. S. Ex.^a o dirá de certo aos leitores do *Archeólogo Português*.

² Há outro sítio chamado *Ferraria*, junto de *Cabeço de Vide*.

Quem prolongar a directriz da estrada romana, determinados os dois pontos de Ponte de Sor e de Entre-Alter-e-Pedroso, vê-la há bater em *Assumar*¹. Isto dá valor à seguinte notícia do meu único informador: Indo para Assumar encontra-se o *alicерço* da estrada romana e talvez haja marcos. Os sítios de referência são *Cascalheira* (que não pude descobrir nas referidas pranchetas) *Cabeça da Azinheira* (que é provavelmente o que nelas se diz *Cabeça Alta I*) na estrada de Assumar e ainda *Chancelaria* (este ponto fica ao norte da estrada; é homónimo da freguesia a que aludo supra, mas algumas léguas para leste)².

*

O Alentejo é ainda muito abundante de monumentos megalíticos e o toponímico *Antas* encontra-se frequentemente. Arquivarei as seguintes notícias:

Logo ao sair de Alter, à direita da estrada que conduz à ponte de Vila Formosa, há uma courela chamada da Antinha; o respectivo monumento avista-se ainda da estrada.

Saindo também de Alter do Chão, mas na direcção de Alter Pedroso, a pouca distância dos vestígios do caminho romano, que fui examinar, numa tapada a que chamam *Almanhares*, examinei um dólmen. Tem 10 esteios em pé, cravados no solo, faltando apenas um. O mais alto tem 2 metros; a planta é circular *plus minus*; medindo os diâmetros NS: 2^m,70 e LO: 2^m,59. O rendeiro da tapada, o Sr. Manuel António Formigo, disse que apareciam por ali muitas *santelhas*, raios, etc., e que uns 2 quilómetros para oeste havia outra anta.

¹ Continuando o prolongamento, Mérida, o *terminus* da via, é atingida certamente. Admirémos a segurança geométrica destes traçados sem bússolas; é o que se pode dizer: ir direito ao seu fim. Recuando o alinhamento para o Tejo, poder-se hão talvez fixar outros pontos duvidosos desta estrada. Num extrato da tradução francesa por Léo Rouanet dos *Diálogos de Francisco de Holanda* lê-se: «... traces d'un pont important. Ce lieu s'appelle Sacavem. Plus loin, vers Scallabis et Ponte de Sôr, je trouvaí la chaussée romaine, qui traverse en cet endroit une région très déserte, avec ses bornes et ses larges bas-côtés, et c'est par cette voie que je penetrerai en Castille». (*Arqueólogo Português*, xvi, 208). Sobre a ponte de Sacavem, é curioso o que vem no *Arquivo Pitoresco*, III (1860), 185.

² Sobre a directriz desta via escreve J. B. de Castro no *Mapa de Portugal* (Lisboa, 1870), III, 304. Veja-se também *La Arqueologia de España* por E. Hübner (Barcelona, 1888), p. 101, e *Notícias Arqueológicas de Portugal* (in *História e Memória da Academia Real das Ciências de Lisboa*, IV, p. 23, Lisboa 1872) pelo mesmo autor; etc.

Entre Benavila e Sêda, na herdade de *Valbom*, há uma anta. Ao sul da vila há a anta do *Feijoal*.

Em *Cabeço de Vide* há fartura delas.

No Crato, freguesia de Gafete, há um *Val-d'Anta*.

Também me falaram num *Val-d'Ante* entré Pedroso e Alter, mas tendo já desaparecido o megalito.

Em Niza há a *anta de S. Gens*.

*

Não terminarei sem uns apontamentos linguísticos de curioso.

Estadão; é a exposição permanente de peças de cozinha, de estanho ou arame (cobre) que toda a casa, por mais humilde que seja, faz com o mais atraente desvanecimento.

Relexo; é a pedra elevada, a prateleira, que suporta êste mostuário interessantíssimo.

Altibanco; é o canapé.

Milho Gatenho; é o milho de espiga rente ao chão.

Pertchinho; o mesmo que *pertinho*, mas com o *ch* explosivo.

Ouvidas; (subst. fem.) são informações verbais, que correm de boca em boca, de outiva.

Carreteira; estrada de carretas; pronuncia-se *carr'teira*.

Intinha; é a pronúncia de antinha;

Alicerço, a de alicerce.

Setembro de 1912.

F. ALVES PEREIRA,

ex-conservador do Museu Etnológico.

(*Esboços e fotografuras do autor; aqueles reproduzidos pelo Sr. Saavedra, desenhador do Museu Etnológico Português*).

A vila e concelho de Ferreira do Zézere

(Continuação d'O Arch. Port., XVII, 73)

VIII

Pias e o seu termo no século XVII

A comenda das Pias passou, em 1617, das mãos de Rui Lourenço de Távora para seu filho Álvaro Pires de Távora¹. Dois anos depois era avaliada em 236\$665 réis.

¹ *Consultas da Mesa da Consciência e Ordens*, livro de 1607 a 1614.